

O mistério do fantasma de carne e osso

Ex-capataz de Roriz some após jurar inocência

BRASÍLIA — Na noite de 10 de janeiro, uma segunda-feira chuvosa, o GLOBO descobriu em Luziânia (GO) o primeiro fantasma vivo da história das CPIs do Brasil. Valdivino Vieira Pinheiro, de 40 anos, ex-capataz do governador Joaquim Roriz, ganha Cr\$ 140 mil por mês, mas abasteceu com quase US\$ 1 milhão, em 1991, contas que seu ex-patrão e sete deputados distritais mantinham na agência do Banco Progresso, em Brasília. Com voz firme, o fantasma disse que nunca movimentou “essa dinheirama toda” e jamais entrou no Progresso. Tinha e tem conta apenas, garantiu, no “Palmerindo” (Bamerindus).

— Devem ter copiado minha assinatura — deduziu.

Ao saber que o GLOBO pu-



O “fantasma” Valdivino Pinheiro

blicaria no dia seguinte reportagem denunciando o esquema de distribuição de verbas para os deputados distritais, o governador Roriz despachou às pressas, na noite da mesma segunda-feira, um motorista para Luziânia com a missão de buscar seu

ex-capataz para uma conversa a portas fechadas. Mas a presença do repórter e do fotógrafo do GLOBO na casa de Valdivino desarticulou a operação.

Na noite da sexta-feira passada, Roriz enviou um secretário à redação da “Veja” com uma misteriosa declaração de Valdivino, registrada em cartório, onde o ex-empregado encampa a versão do governador e nega ter dado entrevista à imprensa. Valdivino mora em Luziânia, mas a declaração, em linguagem incompatível com uma pessoa que só tem o primário, foi registrada em Brasília. Além disso, seu nome estava escrito errado — “Valdevino” — por coincidência, o mesmo erro cometido na procuração que Roriz dera a seu capataz em 1989.

O “fantasma” Valdivino não é visto em carne e osso desde quinta-feira da semana passada. A família evaporou de Luziânia, deixando roupa no varal.